



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande -100 anos da entrada do Brasil na I GM

ANO 2017

DEZEMBRO

Nº 250

A NOVA HISTÓRIA MILITAR

Luiz Ernani Caminha Giorgis (AHIMTB/RS)

Este Informativo contém a finalidade de divulgar um alerta contra as ameaças às quais a História Militar está sendo submetida.

Desde 1990, mas nos últimos anos com maior volume, interesses suspeitos e inconfessáveis movem uma campanha que visa a desestruturar os pressupostos básicos da historiografia vinculada à história da evolução das doutrinas militares, da ciência militar (o preparo) e da arte militar (o emprego).

Aparentemente, o objetivo dessas agressões é o de desapropriar a HM do meio militar e, através do argumento da multidisciplinaridade, ocupar esse espaço. Autores diversos, do meio acadêmico, vem trabalhando nesse sentido.

Não defendemos uma HM estanque e isolada do meio historiográfico e acadêmico. Entretanto, não podemos abandonar as finalidades precípuas acima destacadas. Ou seja, o tripé da HM: doutrina, ciência e arte, que são fatores que envolvem aspectos técnicos mas que estão, perfeitamente, ao alcance de historiadores civis.

Abaixo, sobre este assunto, transcrevemos um artigo do Coronel de Infantaria e Estado-Maior Fernando Velozo Gomes Pedrosa divulgado nos Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, julho de 2011.

A HISTÓRIA MILITAR TRADICIONAL E A "NOVA HISTÓRIA MILITAR"

FERNANDO VELÔZO GOMES PEDROSA¹

1. UMA ANTIGA TRADIÇÃO

*"A História Militar nos ensina sobre honra, sacrifício e a inevitabilidade do conflito"*². Victor Davis Hanson

¹ Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar do Exército. Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Doutor em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Hanson, 2007.

A História Militar é a mais antiga forma de História. Na verdade, a História começou como História Militar. A própria etimologia da palavra história remete a Heródoto (485-420 a.C.), autor das *Histórias*, relato minucioso das guerras entre gregos e persas entre os séculos IV e V a.C. Todos os demais textos históricos mais antigos que chegaram aos nossos dias são histórias de guerras, como a *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides (460-400 a.C.); ou a *Anábese*, história da expedição do exército mercenário grego a serviço de Ciro, o Jovem, contra seu irmão Artaxerxes, imperador da Pérsia, escrita por um de seus protagonistas, Xenofonte (c430-355 aC); ou as *Histórias*, de Políbios (203-120 a.C.), relatando a história das Guerras Púnicas, entre Roma e Cartago (264-146 a.C.). Antes desses historiadores, já havia relatos históricos, mas eles pouco se distinguem das narrativas míticas, nas quais os humanos conviviam e entravam em disputa com os deuses e seres mitológicos. Esses relatos históricos, entretanto, eram invariavelmente descrições de episódios militares, como a *Epopéia de Gilgamesh* (c. Séc XII a.C.) ou a *Ilíada*, de Homero (Séc VIII a.C.). A onipresença dos fenômenos militares nos primórdios da História apenas reflete a importância que as guerras sempre tiveram para os destinos dos homens. Como observou o coronel professor Pedro Cordolino, antigo mestre de História Militar da Escola Militar no Realengo,

Sendo a guerra o mais brutal fenômeno que nos apresenta a humanidade no seu lento evoluir, está claro que ela seria a preocupação precípua dos historiadores nos primórdios da vida social. Daí o limitar-se a História, durante muito tempo, às narrativas dessas guerras e revoluções intercaladas com as aventuras dos potentados e as intrigas de suas cortes (AZEVEDO, 1998: 21).

Tradicionalmente, a História Militar tem sido a história das guerras, campanhas, batalhas e feitos dos grandes generais, bem como o registro de todas as atividades das forças militares na guerra e na paz. Para John Keegan, um moderno historiador militar de postura tradicional:

A História Militar é um conjunto de muitas coisas. É - e para muitos escritores do passado e do presente é pouco mais do que isso - o estudo dos generais e do generalato [...]. A História Militar é também o estudo do armamento e do sistema de armas, da cavalaria, artilharia, castelos e fortificações, do mosquete, do arco, do cavaleiro com armadura, do encouraçado, do bombardeiro estratégico. [...] A História Militar é, por outro lado, o estudo das instituições, regimentos, estados-maiores e escolas de estado-maior, dos exércitos e das marinhas em geral, das doutrinas estratégicas adotadas na batalha [...]. A História Militar, podemos inferir daqui, tem, em última análise, de tratar da batalha (KEEGAN, 2000: 28-30).

Assumindo uma postura claramente profissional, o Manual de História Militar Geral usado pela Academia Militar das Agulhas Negras adota a definição proposta pelo historiador militar brasileiro Cláudio Moreira Bento, antigo professor daquela academia. Para ele,

História Militar é a parte da História da Humanidade que nos permite reconstituir a História da Doutrina Militar. E Doutrina Militar são os princípios pelos quais os exércitos têm se preparado (organizado, equipado, instruído e desenvolvido as forças morais) para a eventualidade de conflitos e se empregados em guerras. (Apud. SAVIAN; LACERDA, 2009: 08)

2. AMPLIAÇÃO CONCEITUAL

Depois da Segunda Guerra Mundial, o conceito de História Militar se ampliou significativamente, passando de uma história das guerras, campanhas, batalhas e feitos dos grandes generais, para a história das instituições militares, na paz e na guerra e sua Anais do relação com a sociedade. Essa evolução não é um fenômeno isolado, mas coincide, e na verdade reflete, a ampliação da dimensão dos fenômenos militares e a democratização das sociedades. O fenômeno da guerra evoluiu de uma dimensão puramente militar para uma dimensão total (Ver RAPOSO FILHO, 1990), no qual as operações militares já não se restringem a um espaço limitado, conhecido como campo de batalha, mas afetam a toda a sociedade, incluindo a totalidade dos países ao alcance dos modernos meios de destruição e fazendo a população civil vítima de ataques indiscriminados. Nessa nova e ampliada dimensão da guerra, o cidadão comum é chamado a pegar em armas, sendo de seu interesse conhecer as entranhas e os mecanismos das instituições militares. No final do século XX, a interpenetração entre os combates e a vida das pessoas havia chegado a tal ponto que o tenente-general britânico Rupert Smith, antigo comandante das forças da OTAN no Kosovo, entendeu que surgia uma nova categoria de conflito que seria prevalente no futuro: a "guerra entre o povo" (SMITH, 2005: 313).

Nas modernas sociedades democráticas, portanto, os cidadãos buscam compreender suas instituições militares, para as quais contribuem por meio de impostos e nas quais são chamados a servir em situação de guerra. Entendem também que o conhecimento dessas instituições armadas é relevante para evitar que se transformem em ameaça à própria democracia.

A ampliação do campo da História Militar é também fruto da evolução da História como ciência no decorrer do século XX, passando de uma História tradicional, de caráter descritivo, para uma "Nova História", de natureza crítica. A História tradicional era uma crônica de acontecimentos, com foco nos eventos históricos e em busca do ideal positivista da objetividade e do registro da "verdade histórica". Era fundamentalmente uma história política e militar. A Escola Marxista levou o foco para a economia e para a luta de classes, mas continuou sendo uma história política e com a pretensão de ser uma ciência exata.

A ideia de uma Nova História surgiu no princípio do século XX na Europa e nos Estados Unidos, significando uma abertura da História para o campo sociocultural (JAGUARIBE, 2001: 37).

A tendência por uma Nova História firmou-se, porém, na França, com a criação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* por Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) em 1929. A proposta da Escola dos *Annales* e de seus seguidores é de uma forte rejeição à História Política e à história dos acontecimentos. Para alguns expoentes da Nova História francesa, os acontecimentos não são mais que "a espuma da história" (DUBY, 1993: 14).

Os adeptos da Nova História buscam a multidisciplinaridade dos estudos históricos, com a utilização de novas fontes de pesquisa, além dos tradicionais documentos escritos, e de novos pontos de vista, como a história vivida e protagonizada pelos estratos inferiores da sociedade, no que ficou conhecido como a "história vista de baixo". Seu ideal é ser a "Ciência dos homens" [...] É preciso acrescentar: "dos homens no tempo" (BLOCH, 2002: 55), buscando

um sentido de síntese histórica, de história das mentalidades e das perspectivas do longo prazo.

A "Nova História" pretende, enfim, ser uma "História Total", rejeitando a divisão em histórias parciais: política, diplomática, econômica, militar, religiosa etc. (GURIÊVITCH, 2003: 32)

3. A NATUREZA E A UTILIDADE DA HISTÓRIA MILITAR

Como já foi demonstrado acima, a História Militar está na origem da própria História. Refere-se fundamentalmente às atividades militares, ou seja, às guerras, campanhas e batalhas. Caso contrário não seria uma história verdadeiramente *militar*. Como observou John Keegan, "não é pelo que os exércitos são, mas pelo que os exércitos fazem que as vidas das nações e dos indivíduos se modificam" (KEEGAN, 2000: 31).

Do ponto de vista militar, o estudo da História Militar tem caráter fundamentalmente utilitário. É uma ferramenta para aprender com o passado, facilitando a compreensão de conceitos militares teóricos por meio de exemplos históricos de sua aplicação. Auxilia a aprendizagem do emprego de forças militares nos níveis estratégico, operacional e tático, bem como a compreensão da evolução da doutrina militar, servindo como uma ponte entre a teoria militar e a aplicação dessa teoria. Segundo Clausewitz:

"Os exemplos históricos esclarecem tudo; possuem, além disso, um poder demonstrativo de primeira categoria [...]. Isto verifica-se na arte da guerra mais do que em qualquer outro campo" (CLAUSEWITZ, 1979: 191).

O ensino da História Militar tem, pois, uma tradicional função didática na educação de chefes militares, oferecendo valiosas lições práticas sobre a arte da guerra, principalmente nos níveis da estratégia e do emprego tático de grandes efetivos militares, quando não existem soluções padronizadas em manuais. À medida que as atividades militares ascendem do nível técnico, como o de como carregar, apontar e disparar um fuzil, para o nível da tática de emprego de forças militares e daí para a estratégia, é cada vez mais difícil encontrar soluções nos manuais militares. Manuais podem prescrever a técnica para calibrar e sintonizar um rádio de campanha, ou para desdobrar no terreno e manobrar um grupo de combate (ou esquadra) de nove homens.

Ações técnicas ou de tática elementar têm poucas variáveis e podem ser facilmente descritas, prescritas e ensaiadas. É muito mais difícil estabelecer regras para o emprego de uma brigada de quatro mil homens ou uma divisão com 15 mil homens e milhares de veículos, manobrando para abordar o inimigo em situação vantajosa, levando em conta a incerteza do combate, as configurações do terreno, as condições atmosféricas, a disponibilidade de suprimentos e de transporte, a rede viária e um sem fim de outras variáveis. Da mesma forma, o adestramento ou ensaio de efetivos dessa magnitude ou maiores implica em elevados custos econômicos e na disponibilidade de campos de instrução com enormes espaços de terreno desimpedido de atividades civis. Embora a História Militar não seja capaz de estabelecer regras prescritivas para os comandantes de grandes formações militares e para os decisores estratégicos, o estudo de casos históricos pode oferecer modelos de soluções para casos variados, enriquecendo o seu leque de opções. Como observou Napoleão Bonaparte,

"o conhecimento das partes superiores da guerra só se adquire pela experiência e pelo estudo da história das guerras e das batalhas dos grandes capitães" (Apud. AZEVEDO, 1998: 23).

Uma segunda função didática da História Militar é servir de fonte de inspiração para os aprendizes da vida militar, sejam recrutas em treinamento para o exercício das funções mais elementares do soldado, sejam jovens cadetes, preparando-se para assumir funções de mando militar como oficiais. O estudo das vidas dos soldados do passado proporciona exemplos de procedimento em situações extremas, quando a sobrevivência pessoal e do grupo estão em jogo. A dureza extrema e a ameaça iminente à própria vida são características inerentes à atividade de combate. Quando um soldado tem que seguir avançando e manter a cabeça erguida para ver e atirar, no cumprimento de seu dever legal e moral, o suporte da crença em valores e virtudes militares, mais do que uma ajuda, é fundamental. É da lembrança de atos de coragem, desprendimento e sacrifício perpetrados por soldados do passado e pelos seus antecessores, que o homem, contrariando seus impulsos naturais de fugir ou esconder-se, torna-se capaz de seguir em frente. E é da História que vem essa inspiração. Quase 200 anos antes de Cristo, Políbios já afirmava que

"o mais seguro e na realidade o único método de aprender a suportar ativamente as vicissitudes da sorte é recordar as calamidades alheias" (POLÍBIOS, 1996: 41).

O desenvolvimento de virtudes cívicas e militares, e a instilação dos valores correspondentes não são fruto de uma visão ingênua e idealista, afastada da brutal realidade da guerra. Não há atividade humana na qual as questões morais sejam tão evidentes e cruciais. Decisões que resultam na matança de pessoas, na destruição de bens particulares e de patrimônios públicos não podem ser tomadas sem forte respaldo da ética. Embora a História das guerras esteja recheada de exemplo do uso da mentira e da falsificação, essa própria hipocrisia é uma prova do quanto as questões morais são relevantes quando os governos desejam comprovar que a guerra tem uma causa justa e que está sendo travada de forma justa (Ver WALZER, 2003: 31). Ademais, mesmo em tempos de paz, soldados e principalmente chefes militares destituídos de valores morais são um risco para a sociedade que os mantém e a eles confia sua segurança.

O estudo da História Militar também permite a aprendizagem de lições sobre liderança militar, sob duas perspectivas distintas e complementares. A primeira é a compreensão do comportamento do homem e da tropa em combate; de suas reações diante do risco de ser morto ou ferido e, no caso dos homens em funções de comando, de como eles reagirão diante do desgaste físico e emocional decorrente de suas responsabilidades. A segunda é a obtenção de modelos de liderança e de tomada de decisão por meio do estudo do desempenho de antigos chefes militares em combate.

Esses modelos podem ser tomados como exemplares, mas também como objeto de avaliações críticas, em busca de soluções mais adequadas. Ambas as perspectivas são de grande valia na educação de oficiais, apurando suas percepções nos níveis interpessoal e intrapessoal. Do ponto de vista interpessoal, lhe permitirá uma melhor avaliação das expectativas, motivações e temores de seus subordinados. Do ponto de vista intrapessoal lhe permitirá levar em conta seu próprio estado emocional ao tomar decisões e fazer julgamentos a respeito de pessoas e situações.

Tradicionalmente, a História Militar também tem desempenhado as funções de ferramenta de simulação de combate, por meio da vivência e análise de experiências militares

passadas. Essa função tem sido substituída em grande parte pelos "jogos de guerra", introduzidos nas escolas de estado-maior no século XIX, e fortemente expandida com os instrumentos da tecnologia da informação após a 2ª Guerra Mundial. Até o surgimento desses jogos de guerra, a leitura de obras de História Militar era o único meio disponível aos comandantes e oficiais de estado-maior para vivenciar, durante os períodos de paz, a experiência de estar em combate.

Finalmente, a História Militar é o repositório da memória das instituições militares, sob a forma de práticas, valores e tradições. As instituições militares são essencialmente realistas e conservadoras, como observou Samuel Huntington, em *O Soldado e o Estado* (HUNTINGTON, 1996: 76-97). Esse conservadorismo é fruto de uma ética que

ênfatiza a imutabilidade, a irracionalidade, a fraqueza e a maldade da natureza humana... [que] proclama a supremacia da sociedade sobre o indivíduo e a importância da ordem, da hierarquia e da divisão de funções... [que] salienta a continuidade e o valor da história. (HUNTINGTON, 1996: 96).

A atitude profissional conservadora dos militares não é apenas compreensível, mas desejável em pessoas que são as executoras do monopólio estatal da violência, detentoras de armas e engenhos destruição, e treinadas na sua utilização. O apego às tradições e o culto de valores militares, como a honra pessoal, o cumprimento do dever a todo custo, a lealdade aos comandantes, pares e subordinados, o respeito às leis e à dignidade da pessoa humana, e o amor à pátria são garantias contra a degeneração das instituições militares em bandos armados.

4. A ESCOLA TRADICIONAL

A História Militar tradicional estuda a evolução da arte da guerra e da doutrina militar. Seu foco está nas campanhas, batalhas e nos feitos dos grandes chefes militares, em busca princípios universais para a vitória e para a liderança militar. Tem fundamental função didática no estudo da estratégia, da tática e da liderança militar, com base em estudos de caso nas academias militares - dedicadas à formação de jovens oficiais -, e nas escolas de estado-maior - cuja função é habilitar oficiais amadurecidos para as funções de assessoramento de alto nível e o comando de grandes unidades militares.

Quando se fala em Doutrina Militar, faz-se referência ao conjunto de conhecimentos e práticas formalizadas em manuais doutrinários, englobando: a estruturação e o preparo das forças; seu armamento e equipamento; e as regras para empregá-las em combate.

A História Militar tradicional tem sido o campo de "militares historiadores". Em geral, tem pouca acuidade metodológica, pois não resulta do trabalho de historiadores profissionais, mas de aficionados. Tende, portanto, à grandiloquência e à adjetivação excessiva. É basicamente uma história descritiva e busca o ideal de apresentar "os fatos como aconteceram". Em função dessas características, ficou conhecida depreciativamente nos Estados Unidos como "História-Batalha" ou História de "tambores e clarins". Em função de sua origem não especializada e "corporativa", tem clara tendência ao *mito*, ao enaltecimento de figuras históricas e a certa condescendência no julgamento dos fatos e

protagonistas. Essa tendência é natural e inerente ao "militar historiador", pois, como observou Jay Luvaas:

Ao soldado que apanha uma pena para escrever, é muito difícil esquecer-se, por uma carrada de razões, perfeitamente compreensíveis, da possibilidade de que um dia sua mão venha também a empunhar uma espada. Há reputações a proteger, velhas amizades que não podem ser esquecidas, governos que devem ser atendidos (LUVAAS, 1981: 54).

Por sua vez, a tendência ao mito é uma consequência da própria ancestralidade da História Militar, que deita raízes nos relatos históricos mitológicos da antiguidade mais remota. É também resultado da forte carga emocional que envolve os eventos militares. Guerras resultam em ódios profundos e ressentimentos, lidam com a questão da própria sobrevivência da nação ou do grupo social, envolvem as reputações de chefes e instituições militares e, com frequência, implicam na necessidade e justificar ações cruéis ou derrotas.

Em geral, termo "mito" é empregado com sentido pejorativo para se referir às crenças comuns, vistas apenas como histórias de um universo puramente maravilhoso. Mas os mitos são essencialmente narrativas de caráter simbólico, e constituem uma das substâncias das representações coletivas, no sentido dado por Emile Durkheim: "maneiras de agir, pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção" (DURKHEIM, 2007: 3).

Para Serge Moscovici, as representações coletivas incluem "ciências, religiões, *mitos* (grifo meu), espaço, tempo" (MOSCOVICI, 2001: 47). No caso das instituições militares, os mitos têm a fundamental função de estabelecer modelos de comportamento e difundir os valores e tradições que são o sustentáculo emocional para homens em combate, pois, quando o homem está frente a frente com a morte, a pura razão não é suficiente para sustentar seu estado moral. A esse respeito, Keegan afirmou que Moltke "considerava "um dever de piedade e patriotismo não destruir certos depoimentos tradicionais" que pudessem ser usados com um fim inspirador (KEEGAN, 2000: 23).

Do ponto de vista profissional militar, em função de sua natureza e do seu utilitarismo, a História Militar tem como objetos de estudo: as campanhas e batalhas; a estratégia e a tática; a doutrina militar; a organização e o preparo das forças militares; a liderança militar; a logística; o armamento e a tecnologia aplicada aos equipamentos militares; e a evolução das instituições militares e de suas práticas, valores e tradições. Entretanto, durante a segunda metade do século XX o mundo acadêmico passou, cada vez mais, a dedicar atenção ao estudo das forças armadas em sua relação com as sociedades às quais servem, numa tendência que passou a ser conhecida como Nova História Militar.

5. UMA NOVA ESCOLA

Após a 2ª Guerra Mundial, surgiu nos EUA uma corrente historiográfica conhecida como Nova História Militar. A gênese dessa nova tendência historiográfica foi marcada pelo clima de confrontação ideológica da guerra fria e pelo mal-estar vivido no país em função da guerra do Vietnã. Os acadêmicos vinculados à nova escola tinham clara inspiração marxista na ideologia e na metodologia de trabalho, além de demonstrarem desprezo pelas instituições militares.

A Nova História Militar sofria clara influência da "Nova História Cultural", então em voga nas universidades norte-americanas, concentrando suas atenções em temas como poder, ideologia, classe, identidade cultural, raça, gênero etc. Seu principal objeto de estudo eram as relações entre as instituições militares e a sociedade, pois "como instituição, o Exército reflete a cultura nacional e exerce um impacto sobre ela". "Como instituição, [...] o Exército deve ser considerado, também, como uma força social de tempo de paz" (MATALOFF, 1982: 423-424).

A Nova História Militar dava preferência a temas "de esquerda", como a composição social das forças e dos quadros de oficiais, o recrutamento e questões culturais, de gênero e de raça nas instituições militares. Essa tendência pouco "militar" também tinha origem na falta de intimidade da maioria dos historiadores acadêmicos com as experiências militares. Efetivamente, estudar as instituições militares como forças de combate é um grande desafio para pessoas que não conhecem em profundidade suas características organizacionais e culturais bastante peculiares, seu jargão profissional, seus conhecimentos técnicos especializados, nem vivenciaram o tipo de experiências profissionais extremas que tendem à formação de confrarias. Como profundo conhecedor da alma humana, Shakespeare foi capaz de expressar essa união forjada nas armas por meio das palavras do rei Henrique V antes da batalha de Azincourt:

*Nós poucos, nós poucos e felizes, nós, bando de irmãos;
Pois quem hoje derramar seu sangue comigo,
Será meu irmão; seja ele o mais vil que for,
Este dia enobrecerá sua condição* (SHAKESPEARE, 2007: Ato 4, Cena 3).

A esse respeito, em 1975, Jay Luvaas, então professor de História do Allegheny College, confessou com franqueza:

Muitos historiadores civis - e eu me incluo entre eles - se ressentem da falta de uma experiência pessoal ou de conhecimentos técnicos para escrever certos detalhes da História militar. Eu posso acompanhar os movimentos das Brigadas e Divisões durante a batalha, porém, como nunca, eu mesmo, tive a oportunidade de empunhar nervosamente uma arma, só posso contar com a ajuda de outros para aquilatar das dimensões psicológicas da batalha (LUVAAS, 1981: 54).

Embora afetada por certos preconceitos ideológicos, conforme reconheceu Peter Paret, um de seus expoentes (PARET, 1991: 16), a Nova História Militar trouxe grandes aportes metodológicos e de interpretação à história das instituições militares, ampliando o debate sobre temas militares em campos antes pouco explorados, mas fundamentais para a compreensão do desempenho dos exércitos em campanha - como as questões culturais, o recrutamento da tropa e do corpo de oficiais, as questões organizacionais, as tensões internas que refletem as existentes na sociedade na qual foi recrutado etc.

No Brasil, a Nova História Militar apareceu a partir do início da década de 1990, coincidindo com o arrefecimento do confronto ideológico após o fim da guerra fria e dos governos militares. Ao contrário do que ocorreu nos Estados Unidos, a nova tendência iniciou uma desmobilização ideológica das tensões criadas nas décadas precedentes, quando as principais correntes historiográficas brasileiras de esquerda dedicaram-se a uma "releitura"

da História do Brasil com claras características de propaganda contra as Forças Armadas, vistas como reacionárias e responsáveis pela frustração de seus ideais socialistas.

O início da revisão do revisionismo levada a cabo pelos "novos historiadores militares" foi dado por Ricardo Salles, com *Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército*, publicado em 1990, no qual contesta a explicação das causas da guerra do Paraguai como uma intervenção imperialista brasileira, incitada pela Inglaterra, contra um suposto modelo de economia autárquico e semi-socialista então vigente no Paraguai (SALLES, 1990).

Como nas suas versões internacionais, a Nova História Militar brasileira também demonstra clara preferência por temas "politicamente corretos" e não relacionados às operações militares. Sua prioridade tem sido questões como as relações entre as instituições militares e a sociedade, o controle civil das Forças Armadas, o recrutamento de escravos durante a guerra do Paraguai, as questões de gênero e raciais, o homossexualismo nas casernas etc. Embora com essa visão parcial, os historiadores dessa corrente no Brasil têm produzido trabalhos valiosos para a interpretação da evolução das instituições militares brasileiras.

Seus principais expoentes são: o já citado Ricardo Sales;

- Francisco Doratioto, com seu volumoso *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*, que tem sido considerado um trabalho de referência sobre a guerra do Paraguai (DORATIOTO, 2002);
- Vitor Izecksohn, com *O Cerne da Discórdia*, sobre as demandas profissionalizantes no Exército Brasileiro surgidas com a guerra do Paraguai (IZECKSOHN, 2002);
- Celso Castro, que, juntamente com Izecksohn e Hendrik Kraay, organizou o livro *Nova História Militar Brasileira* (CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY, 2004); e
- Adriana Barreto, com *Duque de Caxias: O Homem Por Trás do Monumento*, que, embora não tenha a intenção de ser um livro de História Militar, faz uma ampla análise da formação do corpo de oficiais do Exército Português na colônia e do Exército Brasileiro na primeira metade do século XIX, bem como traça o perfil social e familiar que fizeram de Luiz Alves de Lima e Silva um dos principais sustentáculos do Império e da unidade nacional (BARRETO, 2008). Também devem ser citados os *brasilianistas* Frank McCann, com seu *Soldados da Pátria*, uma história do Exército Brasileiro da queda da monarquia até as primeiras décadas do século XX (McCANN, 2007) e Peter M. Beattie, com *Tributo de Sangue*, uma história da adoção do serviço militar obrigatório no Brasil e de todas as transformações institucionais que vieram em consequência ou foram condição para torná-la possível.

A pouca atenção do meio acadêmico brasileiro aos temas ligados à atividade bélica é evidente para os próprios historiadores mais ligados à História Militar no país. Coincidindo com a opinião expressa por Keegan quanto à prevalência da batalha como objeto da história militar, os organizadores do livro *Nova História Militar Brasileira* reconheceram o descuido da Nova História em relação à atividade essencialmente militar do combate. Eles admitiram que "talvez os historiadores sociais das organizações militares, às vezes fascinados com a vida cotidiana, tenham negligenciado a proposta principal da vida militar: travar a batalha com o inimigo" (CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY, 2004: 28)

6. A NOVA HISTÓRIA DA BATALHA

Acossada pelas tendências da Nova História Militar, a escola tradicional reagiu com o estudo de batalhas sob uma perspectiva metodológica moderna, inaugurando o que ficou conhecido como uma Nova História da Batalha. O seu foco está na ação dos exércitos em combate, não em suas existências como instituições. Afinal, como já observara Keegan, "a História Militar [...] tem, em última análise, de tratar da batalha. E prossegue:

"A história da batalha, ou a história da campanha, merece uma primazia [...] em relação a todos os outros ramos da historiografia militar" (KEEGAN, 2000: 30-31).

Entretanto, diferente dos relatos de batalha tradicionais, a nova tendência, inaugurada por Keegan, concentra sua atenção nos protagonistas da batalha: os homens, suas mentalidades e seus sentimentos de camaradagem, medo, excitação, ódio, angústia e sofrimento. Grande atenção também é dedicada ao uso das armas e equipamentos, bem como aos efeitos das armas nos ferimentos sofridos pelos homens, e à execução das manobras e suas dificuldades, diante da realidade do terreno e das condições meteorológicas - lama, poeira, frio, calor, terreno acidentados, vegetação e outros fatores que reduzem ações supostamente heroicas a homens atolados, esgotados, dispersos e desorientados no campo de batalha.

A obra paradigmática dessa nova tendência é *A Face da Batalha*, de John Keegan (2000), publicado originalmente em 1976, descrevendo três batalhas em períodos distintos da História Militar, sob o ponto de vista do soldado comum. De uma perspectiva diferente, mas também focando o homem e a batalha, Keegan (1999) publicou *A Máscara do Comando*, analisando as vidas de quatro líderes militares e seus modelos de liderança em combate.

Outro importante autor dessa corrente é Victor Davis Hanson, com *Carnage And Culture* - publicado no Brasil com o título de *Por Que o Ocidente Venceu* (HANSON, 2002), no qual ele descreve as batalhas que marcaram a supremacia militar do Ocidente. De sua autoria, e na mesma tendência são *A War Like No Other* (HANSON, 2005), sobre a guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta, e *The Western Way of War* (HANSON, 2009), no qual apresenta a tradição militar grega como raiz da cultura militar ocidental.

Também merece ser citada a historiadora britânica Juliet Barker, cujo livro *Agincourt* (BARKER, 2010) foi recentemente publicado no Brasil. Neste trabalho, a autora descreve os antecedentes políticos e militares e a própria batalha de Agincourt, travada em 1415, entre o exército do rei Henrique V, da Inglaterra, e o exército liderado pela nobreza da França. Seu estudo apresenta o intrincado jogo político e social por trás das disputas entre a nobreza medieval europeia, bem como a organização dos exércitos medievais e suas imbricações com as relações de suserania e vassalagem e as obrigações militares decorrentes.

Embora não se enquadre completamente no que se convencionou chamar de Nova História da Batalha, convém citar o trabalho inovador de Cecil Woodham Smith em *A Carga da Brigada Ligeira: Anatomia de um Desastre*, publicado originalmente em 1953. Nesse estudo da tragédia militar britânica na batalha de Balaclava, ocorrida durante a guerra da Crimeia em 1854, a autora realiza uma profunda análise sociológica da nobreza e da oficialidade britânica, apontando como causas do desastre o anacrônico sistema de compra de postos militares e comissões de comando vigente nas forças armadas britânicas, bem como as disputas pessoais por questões familiares e de ascendência social, que afetavam diretamente a cadeia de comando do exército inglês.

7. CONCLUSÕES

O fato que fica evidenciado neste trabalho é que existe efetivamente um conflito de concepções entre os historiadores acadêmicos e os historiadores militares tradicionais sobre o significado da História e suas funções. Embora a História Militar tenha um amplo espectro de interesses, seu escopo é limitado. A ação bélica é o seu tema central, ou não seria uma história verdadeiramente militar.

A "Nova História", por sua vez, pretende ser uma "História Total", que rejeita a divisão em histórias parciais: política, diplomática, econômica, militar, religiosa etc.

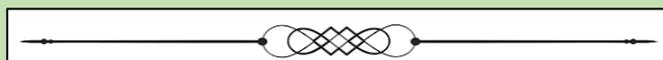
Do ponto de vista militar, a principal função da História Militar é didática, voltada para a formação de oficiais e soldados. Do ponto de vista acadêmico, por outro lado, a História Militar é uma ferramenta para compreender as instituições militares como forças sociais de tempo de paz ou de guerra.

Deve-se reconhecer, entretanto, que a "Nova História Militar" trouxe aportes metodológicos importantes e ampliou o campo de pesquisa e a produção científica. Questões como o recrutamento, as origens sociais das tropas, a composição dos quadros de oficiais e a compreensão de suas mentalidades são fundamentais para uma história das instituições militares e avaliação de seu desempenho em combate. Neste sentido, a história crítica proposta pela corrente da Nova História é uma necessidade para a evolução das forças militares. A crítica, entretanto, depende de uma perfeita compreensão dos fatos, como proposto pela tradicional história descritiva. Neste sentido, a História Militar tradicional e a Nova História Militar são tão complementares como o côncavo e o convexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. *História Militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- BARKER, Juliet. *Agincourt: O Rei - A Campanha - A Batalha*. Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BARRETO, Adriana. *Duque de Caxias: O Homem Por Trás do Monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BEATTIE, Peter M. *Tributo de Sangue: Exército, Honra, Raça e Nação no Brasil, 1864-1945*. Tradução de Fábio Duarte Joly. São Paulo: Edusp, 2009.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH • São Paulo, julho 2011 14
- CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CLAUZEWITZ, Karl von. *Da Guerra*. Tradução de Teresa Barros Pinto Barroso. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.
- DUBY, Georges. *O Domingo de Bouvines - 27 de julho de 1214*. Tradução de Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- DURKHEIM, Emile. *As Regras do Método Sociológico*. 3ª Ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DUVEEN, Gerard. Introdução: O Poder das Idéias. in MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigação em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GURIÊVITCH, Aaron. *A Síntese Histórica e Escola dos Anais*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HANSON, Victor Davis. *A War Like No Other: How The Athenians and Spartans Fought The Peloponnesian War*. New York: Random House, 2005.

- _____. *Por Que o Ocidente Venceu: Massacre e Cultura - Da Grécia Antiga ao Vietnã*. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- _____. *The Western Way of War: Infantry Battle in Classical Greece*. In: Ed. Berkeley: University Of California Press, 2009.
- _____. *Why Study War*. City Journal, Summer 2007.
- HUNTINGTON, Samuel P. *O Soldado e o Estado: Teoria e Política das Relações Entre Civis e Militares*. Tradução de José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.
- IZECKSOHN, Vitor. *O Cerne da Discórdia: A Guerra do Paraguai e o Núcleo Profissional do Exército*. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.
- JAGUARIBE, Helio. *Um Estudo Crítico da História* (Vol 1). Tradução de Sergio Bath. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- KEEGAN, John. *A Face da Batalha*. Tradução de Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.
- _____. *A Máscara do Comando*. Tradução de Geraldo Pereira de Almeida Filho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.
- LUVAAAS, Jay. A História Militar - O Ponto de Vista de um Historiador Clássico. In: WEIGLEY, Russell F. (Org). *Novas Dimensões da História Militar* (Vol 1). Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.
- MATALOFF, Maurice. A Natureza e o Escopo da História Militar. in WEIGLEY, Russell F. (Org). *Novas Dimensões da História Militar* (Vol 2). Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1982.
- McCANN, Frank. *Soldados da Pátria: História do Exército Brasileiro, 1889-1937*. Tradução de Laura Teixeira Motta. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.
- MOSCOVICI, Serge. Das Representações Coletivas às Representações Sociais. in JODELET, Denise. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- POLÍBIOS. *História*. 2ª Ed. Seleção, tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 1996.
- PARET, Peter. The New Military History. in *Parameters*. Autumn 1991.
- RAPOSO FILHO, Amerino. *Dimensões da Estratégia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.
- SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.
- SAVIAN, Elonir José; LACERDA, Paulo Henrique Barbosa. *Manual de História Militar Geral*. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2009.
- SHAKESPEARE, William. *Henrique V* (1ª Ed.). Porto Alegre: L&PM, 2007.
- SMITH, Cecil Woodham. *A Carga da Brigada Ligeira: Anatomia de um Desastre*. Tradução de Ulisses Lisboa Perazzo Lannes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.
- SMITH, Rupert. *A Utilidade da Força: A Arte da Guerra no Mundo Moderno*. Tradução de Miguel Mata. Lisboa: Edições 70, 2005.
- WALZER, Michael. *Guerras Justas e Injustas: Uma Argumentação Moral Com Exemplos Históricos*. Tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>